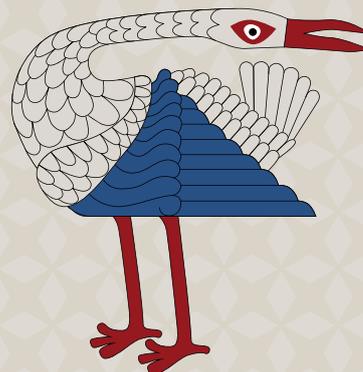
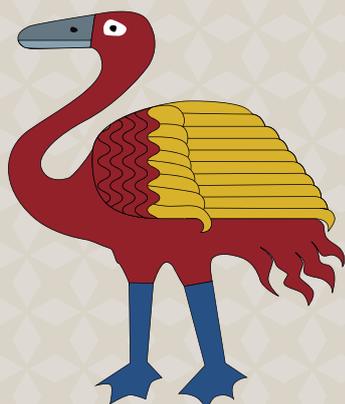
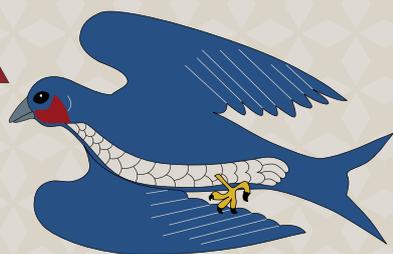
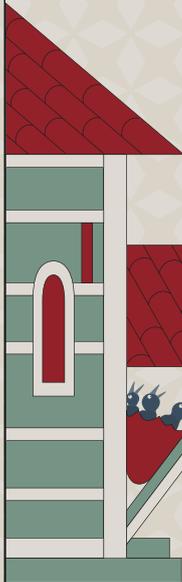


Vidas Manuscritas



Os pergaminhos
medievais
da UnB
em exposição



Vidas Manuscritas

*Os pergaminhos
medievais
da UnB
em exposição*



Autores Maria Filomena Coelho, Rozana Reigota Naves e Matheus Silveira Furtado

Organizadores Maria Filomena Coelho e Matheus Silveira Furtado

Título Vidas Manuscritas: os pergaminhos medievais da UnB em exposição

Coleção Coleção Medioevum

Local Brasília

Editor Selo Calianandra

Ano 2024

Parecerista Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Sales

Capa e editoração Isabela Lima Alves

Revisora Maria Filomena Coelho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

V649 Vidas manuscritas [recurso eletrônico] : os pergaminhos medievais da UnB em exposição / organizadores: Maria Filomena Coelho, Rozana Reigota Naves, Matheus Silveira Furtado. - Brasília : Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, 2024. 68" p. : il. - (Medioevum).

Inclui bibliografia.
Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://caliandra.ich.unb.br/>>.
ISBN 978-85-93776-07-6.

1. Manuscritos medievais. 2. Pergaminhos. I. Coelho, Maria Filomena (org.). II. Naves, Rozana Reigota Naves (org.). III. Furtado, Matheus Silveira (org.). IV. Série.

CDU 091

Heloiza dos Santos - CRB 1/1913

Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas

Campus Darcy Ribeiro, ICC Norte, Bloco B, Mezanino,

CEP: 70.910-900 — Asa Norte, Brasília, DF

Contato 61 3107-7371

Website caliandra.ich.unb.br

E-mail caliandra@unb.br

SELO CALIANDRA

Conselho Editorial

Membros internos:

Presidente Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho (HIS/UnB)

Prof. Dr. Herivelto Pereira de Souza (FIL/UnB)

Profa Dra Maria Lucia Lopes da Silva (SER/UnB)

Profa. Dra. Ruth Elias de Paula Laranja (GEA)

Membros externos:

Profa Dra Ângela Santana do Amaral (UFPE)

Prof. Dr. Fernando Quiles García (Universidad Pablo de Olavide — Espanha);

Profa Dra Ilía Alvarado-Sizzo (Universidad Autonoma de México)

Profa Dra Joana Maria Pedro (UFSC)

Profa Dra Marine Pereira (UFABC)

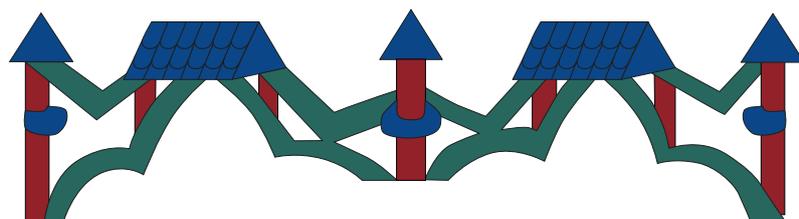
Profa Dra Paula Vidal Molina (Universidad de Chile)

Prof. Dr. Peter Dews (University of Essex — Reino Unido)

Prof. Dr. Ricardo Nogueira (UFAM)

Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)

A total responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra pertence ao autor.



SUMÁRIO

Apresentação

Maria Filomena Coelho
Rozana Reigota Naves
Matheus Silveira Furtado

Parte I

A exposição *Vidas Manuscritas*: da concepção à execução

1 Idealizando a exposição *Vidas Manuscritas*:
relato curatorial  10
Matheus Silveira Furtado

2 Tipografia e imagética: a identidade visual da exposição
Vidas Manuscritas  33
Isabela Lima Alves

3 Exposição *Vidas Manuscritas*: uma jornada expográfica de
colaboração e experiência  51
Gracy Lima de Oliveira

4 *Condition Report* da exposição *Vidas Manuscritas*:
uma experiência de preservação  62
Ana Rita Oliveira de Souza

Parte II
O público e a experiência da mediação educativa

5 Estudo de público da exposição *Vidas Manuscritas* 75
Elmiza Nogueira Pires e Luc Farias Uchôa

6 Da sala de aula à comunidade: uma experiência com os manuscritos medievais da UnB 86
Lucas Cavalcante e Valentina Andrade

7 *Vidas Manuscritas*: o processo de mediação na perspectiva da História 101
Daniel Borges da Fonseca

8 *Flos Visitationum*: uma análise das narrativas do público no *Rolo de Vidas* 110
Lara Beatriz Martins

Parte III
Interfaces entre a História e a Linguística nos manuscritos medievais da UnB

9 *Flos Sanctorum*: atos e consequências 121
Luana Salazar Magalhães

10 Expressões do feminino no manuscrito *Flos Sanctorum* 133
Júlia Carvalho Caldas e João Feliipe Jonas da Silva

11 Modelos político-religiosos medievais nos *Diálogos de São Gregório* 144
Karina Cristina de Almeida Nicolau

12 Léxico e semântica nos *Diálogos de São Gregório* 152
Beatriz Gomes Gaspar e Henrique Lima Vaz

13 Colocação pronominal nos manuscritos medievais: uma ponte para compreender o português contemporâneo  163
Giovanna Duran Soares Santos e Giovanna Pedrosa Feitosa

14 Iluminar o costume: arte e representação nos manuscritos da BCE-UnB  174
Sammya Rodrigues

15 Bestas iluminadas: da Bíblia ao *Livro das Aves*  183
Oliver Figueredo

Parte IV

Vidas medievalizadas: dos manuscritos ao cinema

16 *It's just a flesh wound!* Monty Python e os medievalismos do imaginário contemporâneo  198
Heloísa Helena Santos

17 *O Sétimo Selo*: a Morte entre o Medievalo e o presente  209
Albert Prazeres

18 Dos contos de Chaucer às lentes de Pasolini  218
Caio Dias

19 As vidas de Joana d'Arc: figuras históricas e usos do passado  228
Letícia Amancio

Anexos

Livro das Aves  237

Vidas fotografadas  246

Ficha técnica da exposição  253

Parte IV

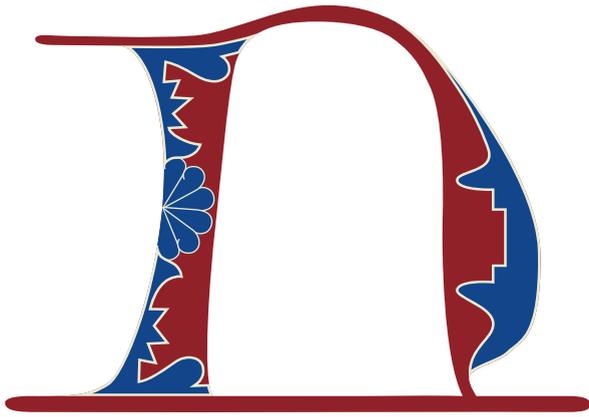
Vidas medievalizadas:
dos manuscritos ao cinema

Capítulo 17

O Sétimo Selo: a Morte,
entre o medievo e o presente

ALBERT PRAZERES *

*Estudante do curso de História da Universidade de Brasília (UnB).
E-mail: albert.passos@aluno.unb.br.



o século XIV, em meio à Peste Negra, que dizimou um terço da Europa e levou boa parte da população a achar que seria o fim dos tempos, o cavaleiro Antonius Block, após retornar das Cruzadas, entrava em um embate de xadrez com a Morte. Durante o jogo, surgiam questionamentos sobre Deus e a vida de maneira intensa e inebriante, em que a religião, a arte e a situação na qual as personagens se encontravam eram analisadas. O medo do fim do mundo e o cantar do Sétimo Selo do Apocalipse eram os fios condutores do famoso filme de Ingmar Bergman (1957).

Essa obra cinematográfica, ambientada em cenário medieval, nos transpôs no tempo, apropriando-se do século XIV, mas com a voz do século XX, após duas Guerras Mundiais, corridas armamentistas nucleares, Guerra Fria. O Sétimo Selo viajaria entre temporalidades e chegaria até nós para mais uma partida de xadrez: a Humanidade contra a Morte.

Da Cruzada à Peste: a Morte à espreita

No filme, o primeiro contato entre Block, recém-chegado da Cruzada, e a Morte ocorreu em uma praia. Com voz suave, mas tom direto, essa figura vestida de preto revelou sua identidade, dizendo ao cavaleiro que o vinha acompanhando há algum tempo, sem jamais ter saído de seu lado. Com rosto marcadamente pálido, estatura imponente e abrindo sua ampla capa negra que ameaçava envolver o interlocutor, a primeira visão da Morte era inequívoca. Ao mesmo tempo, porém, sua atitude serena não provocava os esperados sentimentos macabros ou aterrorizantes. A mensagem era de temor, mas também de solenidade e inevitabilidade com relação ao fim iminente.



Imagem 1 – A Morte abre sua capa

Disponível em: <https://www.cineset.com.br/o-setimo-selo/>.

Acesso em: 20 dez 2023.

A partida de xadrez conduziu a trama, de forma dramática, singular e, até mesmo, humorada em certos momentos. Através do jogo, Block desejou ganhar tempo para evitar aquilo que estava à sua espera: o fim da vida. À medida que as partidas se desenrolavam, o cavaleiro e a Morte dialogavam de forma profunda, desvendando mistérios da existência humana e divina.



Imagem 2 – O cavaleiro Block joga xadrez com a Morte
Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-o-setimo-selo/>
Acesso em: 20 dez 2023.

Para o espectador não passaria despercebido, que, apesar do evidente perigo de morte ao qual se enfrentou o cavaleiro na Cruzada, seria no seu retorno a casa, em uma pacífica praia deserta, que a Morte lhe apareceria. O paradoxo era forte. Block questionava a existência do Criador e indagava se havia de fato alguém observando tamanha calamidade, sem que nada pudesse ser feito. Eram tempos de pandemia, conhecida como Peste Negra. O surto principal teria ocorrido entre 1347 e 1351, embora tenha havido outras ondas da doença ao longo dos séculos. Originou-se na Ásia Central, atingindo também a Europa e a África, e causando a morte de milhões de pessoas. Acredita-se que 30% a 60% da população europeia tenha sido dizimada durante a pandemia do século XIV, causando colapso econômico, social e político em várias regiões. O impacto fora dramático, a ponto de, em

alguns momentos, haver mais cadáveres pelas ruas do que pessoas vivas. A peste não poupava ninguém, sem importar a classe social e, o mais impactante, atingindo também os membros da igreja. Portanto, nem mesmo os intermediários autorizados da relação entre os homens e Deus escapavam. Eles também eram castigados.

Do medo à esperança

O filme retratou o desespero da população e a busca por aplacar a ira divina que se abatia sobre ela. Tal como em outras épocas da História, tentava-se agradar o Além com sacrifícios humanos. Surgiam os flagelantes, que realizavam práticas extremas de penitência e expiação durante períodos de crise, como epidemias, fome ou outras calamidades. Eles acreditavam que, por meio do autoflagelo, poderiam expiar os pecados, evitando assim os castigos que se abatiam.

Durante a Peste Negra, os flagelantes ganharam destaque. Eles viajavam em grupos (com até trezentas pessoas), muitas vezes em peregrinações, praticando autoflagelação pública, com chicotes e outros instrumentos para demonstrar arrependimento e merecer a misericórdia divina. Eles acreditavam que tal prática não apenas garantiria o perdão divino, mas também ajudaria a purificar a alma e a proteger as comunidades contra o avanço da doença.

Apesar de sua popularidade durante os períodos de crise, os movimentos flagelantes diminuíram à medida que a Peste Negra foi regredindo e as autoridades eclesiásticas os reprimiram. No entanto, sua presença e impacto durante esse período da história eram notáveis, como expressão espiritual extrema e desespero diante dos sinais do fim da existência humana.

No filme, a representação dos flagelantes constituiu um momento dramático, que marcou o itinerário do cavaleiro em seu retorno a casa.



Imagem 3 – Procissão de flagelantes

Disponível em: <https://maisquecinema.com.br/o-setimo-selo/> Acesso em: 20 dez 2023.

De forma contrastante, lançando mão de uma linguagem visual simples e pueril, o filme apresentou a reação de um casal de saltimbancos, que viveu esse mesmo contexto e que acabaria por cruzar seu caminho com o do cavaleiro Block. O acrobata Jof, sua esposa Mia e o bebê do casal, Mikael, pela forma leve e genuína como encaravam a vida ameaçada pela pandemia, transmitiam uma mensagem de esperança.



Imagem 4 – Jof e Mia

Disponível em: <https://ultraverso.com.br/critica-de-filme-o-setimo-selo-1957/>

Acesso em: 20 dez 2023.

A arte foi importante, algumas vezes como fuga à praga, mas também como momento de reflexão, por meio da sátira e da pantomima, como retratado no filme.



Imagem 5 – Jof e Mia em ação

Disponível em: <https://personaunesp.com.br/o-setimo-selo-65-anos/>

Acesso em: 20 dez 2023.

Ainda no contexto da pandemia, houve também reações de viver de forma intensa, com alegria desenfreada, os últimos momentos. Na época da Peste Negra, difundiu-se a Dança da Morte (Danse Macabre).



Imagem 4 – Dança da Morte

Disponível em: <https://www.atlasobscura.com/articles/danse-macabre-david-pumpkins-art-history>

Acesso em: 20 dez 2023.

Essa representação artística, porém, tinha também o efeito de lembrar que, quando a figura esquelética e animada chamava para dançar, não escolhia o par pela condição social, idade ou sexo. Estavam todos sujeitos ao fim inevitável da condição humana. A *Danse Macabre*, ao evocar a morte, transmitia uma mensagem moral e filosófica, enfatizando a importância de uma vida virtuosa e a transitoriedade das posses materiais.

Por meio da arte era possível perceber como a morte se transformava em meio de comunicação do artista com o mundo, com o intuito de passar uma mensagem. Tal mensagem também foi usada pela igreja: *Memento Mori* (Lembra-te que és mortal). Essa mentalidade influenciou as práticas religiosas e culturais da época, promovendo a reflexão sobre a brevidade da vida terrena e a importância de uma existência dedicada à fé e à piedade. O ditado, *Memento Mori*, serviu como lembrete constante da finitude da existência humana e da necessidade de se viver de acordo com os princípios religiosos.

Os cortes finais do filme trouxeram a icônica cena dos personagens reunidos já no castelo de Block, quando um estranho bate à porta: era a Morte. Tendo perdido o jogo de xadrez, o cavaleiro não via alternativa a não ser rezar para Deus em busca de algum tipo de amparo ou de intervenção. Os demais conformavam-se com o destino e realizavam a dança da morte como *Memento Mori*.



Imagem 5 – A Morte ceifando Block e seus amigos

Disponível em: <https://coffebreaking.com.br/1606-o-setimo-selo-de-ingmar-bergman-e-uma-maravilha-da-setima-arte> Acesso em: 20 dez 2023.

Os medievais falam do nosso presente

Sendo uma obra do século XX, da década de 50, *O Sétimo Selo* tornou-se um filme cult, por sua qualidade cinematográfica, mas também por falar dos problemas que afligiam o ocidente, por meio de uma ambientação medieval. Produzido na época da Guerra Fria, Ingmar Bergman tratava do medo da corrida armamentista nuclear e do desespero da humanidade em relação à morte.

Mas, por que o diretor usou o período medieval e não a Primeira Guerra Mundial ou, até mesmo, a Segunda? Provavelmente, não teria o mesmo impacto. Eram dois acontecimentos ainda muito recentes, que faziam parte da existência dos espectadores. Ao contrário, a Idade Média permitiu explorar crenças e comportamentos, à primeira vista, muito distantes e exóticos, mas que, no fundo, falavam intimamente à sociedade do século XX.

O paralelismo era dramático. Com apenas um apertar de botões, as armas atômicas poderiam matar bilhões de seres humanos. Da mesma forma, na Idade Média, acreditava-se que bastava Deus se enfurecer para que a morte levasse a todos com a Peste. A qualquer momento Deus tocava as trombetas do Apocalipse, o sétimo selo se romperia e o mundo desapareceria. Assim, o filme nos fez pensar sobre os usos do passado para entendermos e refletirmos sobre o presente. O que vimos em *O Sétimo Selo* não foi o medieval, mas a elaboração cinematográfica do medo do século passado e um pedido de paz para o mundo.

Referências

Fonte:

O *SÉTIMO Selo*. Direção: Ingmar Bergman. Produção: Allan Ekelund. Suécia, 1957.

Bibliografia:

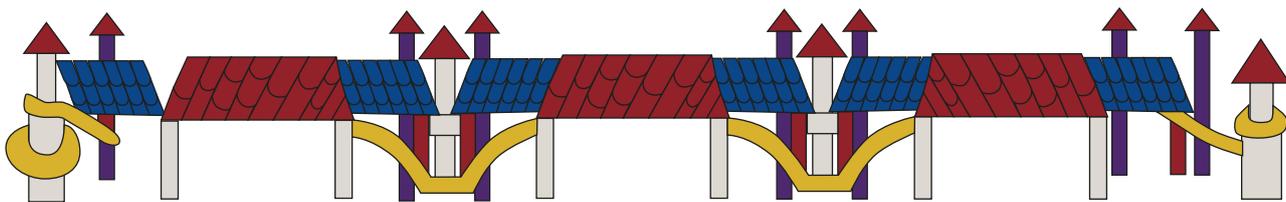
BARREIRA JÚNIOR, Edilson B. A morte no imaginário coletivo medieval: o olhar contemporâneo de Ingmar Bergman no filme *O Sétimo Selo*. *29ª Reunião Brasileira de Antropologia*, 2014. Disponível em: https://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1400115826_ARQUIVO_AMORTENOIMAGINARIOCOLETIVO-MEDIEVAL-RBA.pdf. Acesso em: 25 dez 2023.

FALCONIERI, Tommaso di C.. *The Militant Middle Ages: Contemporary Politics between New Barbarians and Modern Crusaders*. Leiden/Boston: Brill, 2020.

GEARY, Patrick. *O Mito das Nações*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

OLIVEIRA, Maurício de. *O Sétimo Selo: um conto medieval sobre a peste, dúvidas de fé e o medo da morte*. In: *Cinema em foco*. Disponível em: <https://cinemaemfoco.com/o-setimo-selo-um-conto-medieval-sobre-a-pesto-duvidas-de-fe-e-o-medo-da-morte/> Acesso em: 26 dez 2023.

OXFORD UNIVERSITY PRESS. *The black death*. Disponível em: https://www.oup.com.au/_data/assets/pdf_file/0015/58110/Chapter-10-The-Black-Death.pdf. Acesso em: 26 dez 2023.

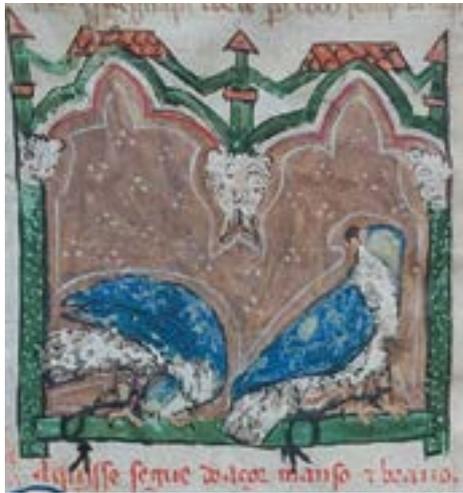


Libro das Aves

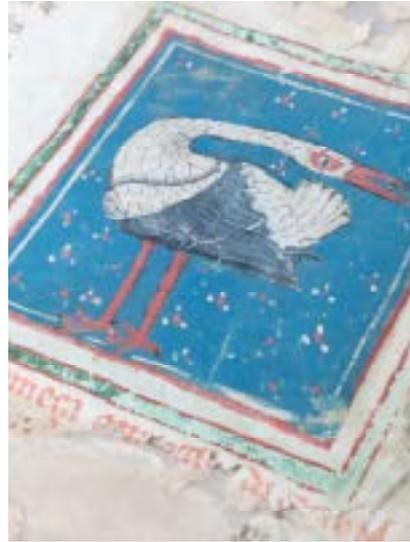
REGISTRO FOTOGRÁFICO



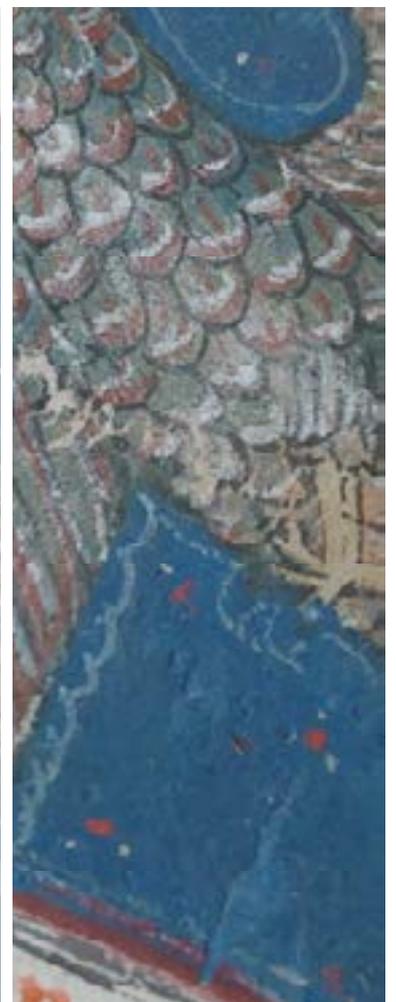
Tratados do Açor



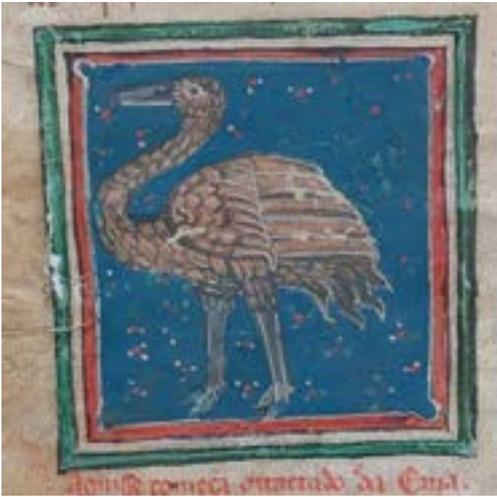
Tratado da Cegonha



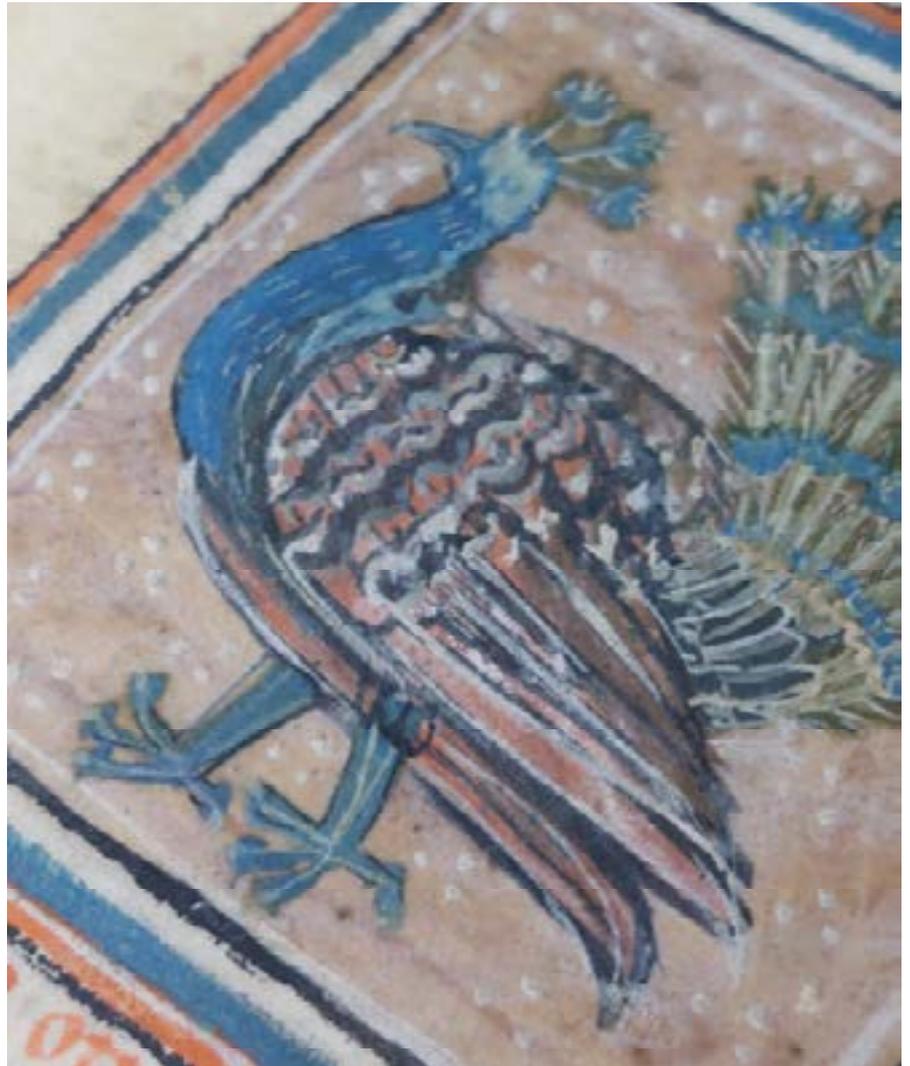
Tratado do Noitibó



Tratado da Ema



Tratado do Pavão



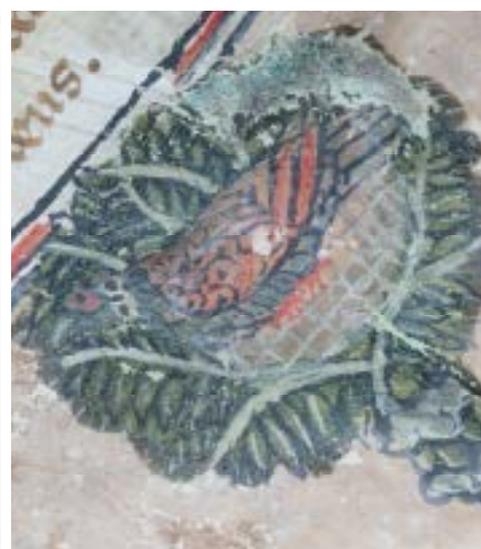
Tratado da Águia



Tratado da Andorinha



Tratado da Tortor/Rola



Ezequiel

... de
... dece
... tenha.
... q' falg
... to am

confas q' uio de q' auian de puaq.
**De como ezechiel o profeta pos aas
quatro euangelistas a cada hua sa
semelhanca:.**



Vidas Fotografadas





**Histórias dos
Diálogos de
São Gregório**

Os textos dos Diálogos de São Gregório são uma obra de grande importância para a história da literatura e da teologia. Eles são compostos por onze diálogos, cada um dedicado a um dos apóstolos. São Gregório utiliza uma linguagem simples e acessível para explicar conceitos teológicos complexos. Seguem-se três histórias selecionadas para serem trabalhadas em sala de aula.



@expo_vidasmanuscritas



BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB



Vidas à Sorte

Aves e Penas

Rolo de Vidas



Vidas Manuscritas

Chefe das Coleções Especiais
da BCE Jefferson Higino



Visas Manuscritas

Abertura oficial da Exposição



Curador Matheus Furtado



Professora Filomena Coelho

CONTE A SUA HISTÓRIA
na Galeria da BCE




EXPOSIÇÃO

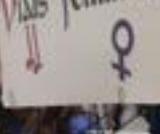
Visas Danuscritas

De 10 de outubro até 14 de novembro

9h às 17h

OBRAS RARAS BCE-UNB

Visas Femininas Danuscritas

Visas Danuscritas

EXPOSIÇÃO

Visas Femininas Danuscritas



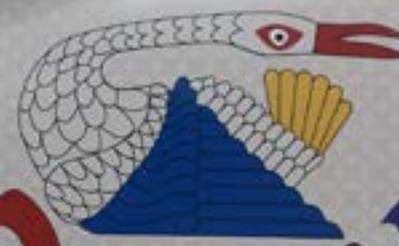

Visas Danuscritas "O FUTURO DA MULHER É FEMININO"



Femininas



as Danuscritas

Visas








Oficina de gravura
por @expo_vidasmanuscritas



Ficha Técnica

Vidas Manuscritas: os pergaminhos medievais da UnB em exposição

Projeto de Extensão da Universidade de Brasília (UnB)

Coordenação geral

Dra. Maria Filomena Coelho PPGHIS - HIS/UnB

Coordenação adjunta

Dra. Rozana Reigota Naves - LIP/UnB

Responsáveis Coleções Especiais/Seção de Obras Raras (BCE-UnB)

Jefferson Higino Dantas

Dr. Raphael Greenhalgh

Ms. Néria Lourenço

Curadoria e idealização

Ms. Matheus Silveira Furtado

Coordenação de Programa Educativo

Dariane Resende

Design gráfico

Isabela Lima Alves

Projeto expográfico

Gracy Lima de Oliveira

Produção

Filigrana - Museologia

Montagem

Marcelo Capella

Apoio

Instituto de Ciências Humanas (ICH/UnB)

Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS/UnB).

Mediação

Beatriz Gaspar, Daniel Fonseca, Elmiza Pires, Gabriel Trajano, Gabriel Santos, Giovanna Duran Santos, Giovanna Feitosa, Helena Camelo, Henrique Lima Vaz, João Fellipe da Silva, Júlia Caldas, Karina Nicolau, Kamilla do Carmo, Lara Beatriz Martins, Lucas Cavalcante, Luana Magalhães, Luc Uchôa, Maria Eduarda Itacaramby, Oliver Figueredo, Sofia De Brot, Sophia Gomes, Sammya Rodrigues, Tainara Martins, Valentina Andrade, Yasmin Tavares.

